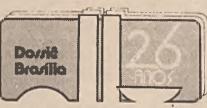
DOSSIE BRASILIA, em sua quarta etapa, continua hoje seu esforço sistemático de análise sobre as questões urbanas e sócio-econômicas do Distrito Federal, enfocando desta vez diversos aspectos relacionados à hierarquização e à setorização no DF. A partir desta edição, DOSSIE BRASILIA, será apresentado quinzenalmente, aos domingos



Paulo Bertran. economista e historiador Aracy Berocan

Uma análise da cidade planejada e da estrutura sócio-econômica do DF

Brasília: a economia desarticulada

O Distrito Federal e uma economia em crise de crescimento e de iden-tificação. Do passado sobra-lhe um fardo não resolvido de contradições. que até o momento não passaram por um esforço serio de planejamento ou por um conjunto de hipoteses que lhes descortinassem um rumo.

Por anos a fio. a unica politica econômica adotada resumiu-se a um descosido esforço de substituição de importações agricolas, e a um tão eloquente quanto vazio discurso sobre a sua industrialização.

Abalmada, pela crise nacional dos anos 80. Brasilia emerge agora para um novo ciclo de crescimento econômico, sem que as bases desse surto tenham sido pensadas ou planejadas.

È urgente assim que a comunidade e o GDF partam para a discussão de novas estruturas para o processo de crescimento e desenvolvimento social do DF, a tempo de esconjurar-se as futuras "sindromes da Ceilândia". repetição de um impasse entre estimulos e desestimulos aos ciclos da construção civil, a fluxos e refluxos no espectro do mercado de trabalho e

O setor industrial

No setor secundario, absorvendo 42 715 pessoas em 1985, (segundo dados da FIBRA), as industrias do DF, têm observado comportamentos diferentes. conforme o ramo de ativi-

Em geral, porem, o sentido e for-temente expansivo, passando-se de 748 estabelecimentos em 1977 para 1941 em 1984/5.

É possivel observar um crescimento generalizado no setor industrial, ainda que qualitativamente transformado ao longo do tempo, com a proliferação de micros e pequenas empresas (apos a crise de 1980/82), e certamente com novo incremento a observar-se nos proximos anos, face a aplicação do estatuto das microempresas.

Enquanto as industrias de transformação progrediram nos últimos anos.

em 1979, caiu para 1.214 mil m2 em 1983, segundo dados da Codeplan.

Nesse periodo, a metragem de obras em edificios residenciais no Distrito Federal caiu de 521.000m2 para 115.500. de 257.700 para 140.000 em edificios comerciais, e drasticamente. de 377.000 para 27.000 m2 em edificios publicos. O problema foi em parte reduzido com o crescimento do numero de construções pas cidades. mero de construções nas cidades satelites e arredores do Plano Piloto. onde, entre 1979 e 1983, a metragem de obras em andamento subiu de 739.600 para 931.900m2, embora geralmente para construções de pe-queno porte e baixo custo.

Com o enxugamento dos gastos governamentais no periodo de reces-são, que se prolonga de 1980 até o momento, o setor terciario e de serviço (incluindo o comercio) teve um cres-cimento nominal do número de em-presas, que reflete fenômeno parecido com o do setor industrial. Houve expressivo aumento no numero de em-presas e de autonomos cadastrados no GDF, mas em sua grande maioria trata-se de atividades minusculas. resultantes do desemprego genera-lizado. Assim. entre 1979 e 1984 (dados da Codeplan) as empresas prestadoras de serviços subiram de 1.680 cadastramentos para 13.969 Os serviços autonomos no mesmo periodo pularam de 17.320 cadas-trados para 22.721, boa parte deste aumento constituindo-se de autônomos egressos do setor formal da construção civil e das novas safras de universitarios que não encontram emprego no setor público.

E este. portanto, em sua genera-lidade, o esboço provisorio das atividades econômicas no Distrito Fe-deral: um rico mercado consumidor, servido por uma economia basicamente importadora. e com os setores econômicos locais buscando se adap-tar à conjuntura de crise em todas as tudo isto permeado pela economia — sombra das cidades-satelites.



Plano Piloto: a utopia circunscrita

O contra-senso agrícola

A economia da cidade-Estado do Distrito Federal, não fosse a excep-cionalidade da condição de capital do pais, e sua elevada renda per capita. teria contornos parecidos como se vê com o de outras cidades de porte medio. como Porto Alegre. Curitiba. Belem ou Goiânia. onde a agrope cuaria e naturalmente pouco importan-te em relação a outros setores

Infelizmente ainda não se realizaram estudos do produto agregado do Distrito Federal, o que impede a avaliação precisa do desempenho dos seus setores de produção. Não obs-tante, construindo esse cenario, as atividades agropecuarias no DF têm observado uma boa progressão de crescimento, como se depreende do

Pstabelecimentos	1975		1980	
Rurais	NUMERO	AREA (ha)	NÚMERO	AREA (ha)
Proprietario Arrendatario Ocupante	885 392 558	136 834 31 395 16 568	795 1 240 587	127 692 127 390 23 270
TOTAL	1 859	185.060	2 653	279 644

Fonte: IBGE - Censo Agropecuario.

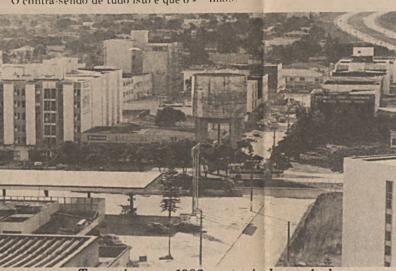
No ultimo quinquênio da decada passada, o numero de estabelecimentos cresceu 142.7%, enquanto a area aumentou 151.1%. Dentro do espirito do PAD-DF, tanto o crescimento em estabelecimentos quanto em areas fez se pelo arrendamento de terras pu

A resposta aos estimulos produtivos fez-se logo notar para alguns tipos de culturas comerciais, como o arroz. a soja. o trigo etc

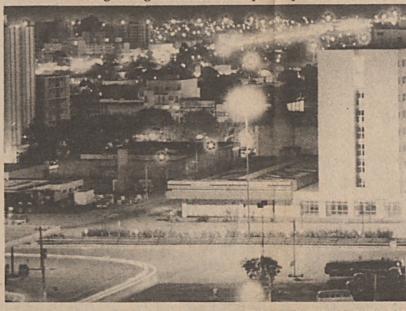
Outros produtos, tanto de lavouras permanentes quanto temporarias. tiveram desempenho mediocre e ate mesmo negativo, enquanto a pecuaria bovina evoluiu significativamente, passando de 51 000 a 80 000 cabeças

no período de 1978/1982. O contra-sendo de tudo isto e que o -

DF não precisava ter esse tipo de economia agropecuaria mista, o que devia fazer-se muito mais apropria damente dentm de um esquema regional de divisão de trabalho com Goiás e Minas Gerais, do que com a pretensa auto-suficiência agropecuaria do Quadrilatero. movida a altissimos custos sociais e baixo retorno eco-nômico. Depois houve esse verdadeiro loteamento, sem ônus particular, que foi a proliferação de arrendamentos. que ninguem se atreve a jurar que se mantenham sem forro de propriedade privada nos insondavies meandros do seculo 21 Tudo isso, porem, seria irrelevante, se a agropecuaria do DF se encaminhasse para usos mais nobres. como a produção de sementes selecionadas e a formação de planteis



Taguatinga em 1986: a utopia do possível



Dossiê Brasília estará de volta no dia 01/06/86, domingo

Uma cidade hierarquizada

Taguatinga em 1977: a utopia selvagem

A compreensão do processo de nascimento e crescimento de uma cidade está estreitamente ligada ao processo socioeconômico da região ou do País em que está inserida. O processo urbanização assume características diferentes através dos tempos, de acordo com o processo de desenvolvimento da sociedade. No periodo colonial, as cidades

brasileiras surgiam em locais de entrada da mercadoria estrangeira ou de saída de produtos nacionais, portos e entrepostos. Comportavam-se mais como ponto de passagem, do que como local de produção. Já no período de auge da economia agrária as cidades surgem como centros administrativos e local de residência da classe produtora rural. O capital é direcionado para o meio urbano mais no sentido de embelezamento das cidades do que para incentivar a produção.

È no entanto, no período da economia industrial, que a urbanização se agiganta. A transformação da estrutura produtiva impõem forte concentração urbana. A cidade muda o seu papel, transformando-se em local de produção e centraliza o capital, a força produtiva e a oferta de bens e serviços. Transforma-se no ponto atrativo para a população rural, gerando a migração, o crescimento demográfico, enfim, vitalizando a concentração característica do sistema de produção capitalista.

A sociedade brasileira se transforma e, cada vez mais, contingentes de população rural se dirigem às cidades, acelerando o crescimento da população urbana e acarretando a proletarização de camponeses e agricultores mais periferias.

Assim, pode-se considerar a terciarização como uma das principais características da urbanização brasileira, como resposta à falta de capacidade de absorção de todo contingente de mão-deobra nas indústrias, ao acelerado crescimento demográfico e às

Brasília surge nesta fase em que se intensifica a urbanização no País, para dar suporte ao crescimento industrial que se posicionava como motor e centro dinâmico da economia nacional

'A cidade surge por efeito indutivo da industrialização sem, contudo, ter a implantação industrial como condição necessária. No caso de Brasilia, não foi

a industrialização o cimento da urbanização, mas sim sua posição de interconexão e principalmente sua função de capital, que lhe garantia ser um mercado urbano em potencial, devido ao seu porte e ao poder aquisitivo bastante elevado da população de fun-cionários". (Ignez Costa B. Ferreira, 1985).

A cidade criada, para se consolidar no então deserto Planalto Central, teve que se basear em ações decisivas do Governo, além de oferecer vantagens para os que deveriam aqui se fixar. A transferência de órgaos e empresas do Governo foi feita às vezes sob forte contestação, empresas estatais e paraestatais receberam reforços para se instalarem em Brasilia. Esforços são realizados para implantação de equipamentos urbanos, alocados principalmente no Plano Piloto.

Assim as atividades econômicas, acompanhando a fixação dos órgãos federais, se concentraram na área central. Não só o governo implantou os serviços básicos para atender às necessidades da população local, como também a iniciativa privada acabou sentindo-se atraída e investiu na Capital Federal. Enquanto isso, as cidades satélites se expandiram populacionalmente, sem receber equipamentos de infra-estrutura urbana à altura de seu crescimento demográfico. O equipamento de melhor qualidade e em maior número era destinado ao Plano Piloto, que manteve sempre a supremacia na hierarquia urbana. A principal característica da distribuição espacial das atividades em Brasília acabou sendo o seu formato cen-

Em 1970 o Plano Piloto possuía mais da metade dos estabelecimentos industriais, comerciais e de prestação de serviços, enquanto Taguatinga, a segunda mais importante localidade, possuía apenas um quarto desses estabelecimentos, os demais ficavam distribuídos nas outras localidades periféricas.

Já em 1981, observa-se que Taguatinga se sobressai em número de estabelecimentos industriais e comerciais, assumindo o papel de verdadeira cidadesatélite, com relativa autonomia funcional. No entanto as demais localidades apresentam um número muito baixo desses estabelecimentos, como demonstra o quadro a seguir:

Distrito Federal Distribuição dos estabelecimentos industriais e comerciais

1981 (contribui			ntes ativos)	
Localidade	Est. Inc	lustriais (%)	Est. cor	nercials (%)
Plano Piloto	292	26,2	6.977	38,9
Taguatinga e Cellândia	519	46,6	5.139	28,6
Gama	110	9,9	1.758	9,8
Sobradinho	93	8,4	1.063	5,9
Planaltina	17	1,5	706	3,9
Brazlândia	10	0,9	439	2,4
Núcleo Bandeirante	54	4,9	890	5,0
Guará (SRIA)	19	1,7	984	5,5
Distrito Federal	1 114	100.0	17 956	100.0

Fonte: CODEPLAN. "Anuário Estatístico do Distrito Federal — 1983". Brasília, CODEPLAN, 1983a.

Quanto ao pessoal ocupado, o censo demográfico de 1970 mostra a mesma grande concentração. O Plano Piloto destaca-se com 55,7% e Taguatinga, em segundo lugar, com 20,7% as outras localidades, em conjunto, detinham menos de um terço do

pessoal. Em 1980 o censo apresenta ligeira alteração. O Plano Piloto baixou sua participação para 40,6%, e Taguatinga aumentou para 37,7%, ficando as demais localidades com os restantes

Com relação à distribuição populacional, sabe-se que em 1970 a população do Plano Piloto representava 30% da população total do DF. Em 1977, esta população reduziu-se para 26% e

em 1980, para 24%. O problema habitacional do DF é um dos mais alarmantes. Criada para ser base de uma nova sociedade, sem estratificação de classes, a realidade expulsou para a periferia as classes mais pobres, mantendo no Plano Piloto os

Agrava a situação o fato de os moradores do Plano Piloto se en-

privilegiados.

contrarem próximos ao trabalho, enquanto os que ganham salários infimos deslocam-se por longas distâncias, provocando um gran-de desgaste financeiro, físico e psíquico.

Em verdade, Brasilia se configura como uma cidade que apresenta todos os problemas da urbanização brasileira. Evidentemente tem algumas vantagens de infra-estrutura, mas a metrópole afastou-se muito da trajetória utópica traçada por seus idealizadores. A cidade não poderia jamais ser um "oásis no cerrado", ilha urbana diferenciada do processo nacional

Mas há que se encarar hoje a sua realidade. Importante se faz pensar na descentralização das atividades, criando-se infraestrutura urbana e de trabalho nas diferentes cidades-satélites. localidades deveriam deixar de funcionar simplesmente como cidades-dormitório através do desenvolvimento de algumas alternativas no setor secundário e terciário, ligar-se à demanda do mercado local e

a industria de construção civil. re-grediu e foi fortemente atingida pela recessão nacional: de um total de

No DF a mais alta renda per capita do país

Se tomarmos por parâmetro, o numero de pessoas empregadas conforme o número de salarios mínimos que recebem, e comparando-se o Distrito Federal com outros Estados, tem-se:

> Pessoas ocupadas de 10 anos e mais Rendimento Mensal (salario minimo) (Percentuais sobre o total)

Unidades	Até 1	Mais de 1 a 2	Mais de 2 a 5	Mais de 5
Distrito Federal	19.2	27.4	30.1	22.1
São Paulo	20.2	30.7	28.9	17.5
Rio de Janeiro	23.8	30.6	28.4	15.9
Brasil (media)	35.2	25.1	18.2	9.7

Fonte: IBGE - Anuario Est. do Brasil

Esse quadro evidencia a identifi-cação do Distrito Federal como o mais elevado mercado de rendas e de consumo (proporcional às populações) do Pais, o que ja era conhecido como importante caracteristica do mercado

brasiliense. Enquanto no DF, 52.2% da população ativa recebe mais de dois salarios minimos. em São Paulo essa proporção cai para 46.4% e no Rio. para 44.3%. Quando se trata do Brasil como um todo, esta proporção fica em tomo de 27.9%, pouco mais da me-tade registrada no DF.

Quem ganha o quê e onde

Como se comporta a estrutura de população e rendas a nível de setores de produção no Distrito Federal? Veja-se no quadro:

DISTRITO FEDERAL — PESSOAS OCUPADAS COM 10 ANOS E MAIS DE IDADE RENDIMENTO MENSAL (SALÁRIOS MÍNIMOS) — %

Atividades	Até 1	Mais de 1 a 2	Mais de2 a 5	Mais de5
Agricolas Ind. Transformação Ind. Construção Outras inds. Comércio Serviços Transp. e Comun. Social Adm. Pública Outras Média	42,3	24,0	10.0	10,0
	11,4	33,2	35.5	19,3
	7,2	44,3	36.7	11,6
	4,9	35,4	30.1	27,8
	17,8	33,0	26.8	19,0
	42,1	29,2	18.6	9,0
	5,0	28,6	42.4	23,7
	10,0	26,5	34.6	28,0
	6,4	11,8	40.2	41,2
	4,0	10,4	31.8	51,1
	19,2	27,4	30.1	22,1

Fonte: IBGE - Anuário Estatistico 1980

Ora, pelo quadro acima constata-se o baixo volume de rendas gerado no Distrito Federal pelas atividades agrícolas e de serviços. Ainda que em extratos baixos, a construção civil puxa essas médias, tendo seu contingente empregaticio preponderante na faixa de 1 a 5 salários minimos.

performance melhora (entre as faixas de 1 a 5 salários mínimos) para os contingentes empregados nas indústrias, no comércio, nos transportes e nas atividades sociais, todos esses com mais de 60% de emprego nas categorias de renda somadas, de 1 a 2 e de 2 a 5 salários minimos

Finalmente para os extratos

TOTAL

superiores a 2 e a mais de 5 salários, desponta o funcionalismo público federal nas atividades de Administração Pública (81,4%), seguido (sempre por um contingente superior a 50% dos empregos nessas faixas salariais) dos setores de atividades sociais, transportes e comunicações, indústrias de trans-

formação, outras indústrias etc. Sob essa ótica da renda e do emprego, oculta-se a estruturação básica das atividades econômicas no DF, bem como, sob certos aspectos, o perfil de sua distribuição de rendas e de segmentação do mercado consumidor.

Já sob o ângulo do emprego, teriamos o seguinte quadro de emprego total nas atividades pro-

100,0

Setores	N° de pessoas empregadas	% população total	
Primário	7.565	2,0	
Secundário	71.245	19,5	
Terciário	287.937	78,5	

Assim, sob a ótica apenas do emprego, temos aqui o quadro típico de uma capital brasileira de porte médio, tendente à metropolização, com atividades terciárias altamente pronunciadas (sobretudo em função do contingente de funcionários públicos) e com uma economia importadora de produtos agrícolas e industrializados.

366.747